

Fil.

Professor: Gui de Franco
Monitor: Debora Andrade



Este conteúdo pertence ao Descomplica. Está vedada a cópia ou a reprodução não autorizada previamente e por escrito. Todos os direitos reservados.

EXERCÍCIOS

1. TEXTO I

Quanto mais as classes exploradas, o “povo”, sucumbem aos poderes existentes, tanto mais a arte se distanciará do “povo”. A arte pode preservar a sua verdade, pode tornar consciente a necessidade de mudança, mas apenas quando obedece à sua própria lei contra a lei da realidade. A arte não pode mudar o mundo, mas pode contribuir para a mudança da consciência e impulsos dos homens e mulheres que poderiam mudar o mundo. A renúncia à forma estética é abdicação da responsabilidade. Priva a arte da verdadeira forma em que pode criar essa outra realidade dentro da realidade estabelecida – o cosmos da esperança. A obra de arte só pode obter relevância política como obra autônoma. A forma estética é essencial à sua função social.

MARCUSE, Herbert. *A dimensão estética*, s/d. Adaptado.

TEXTO II

Foi com estranhamento que crítica e público receberam a notícia de que a escritora paulista Patrícia Engel Secco, com a ajuda de uma equipe, simplificou obras de Machado de Assis e de José de Alencar para facilitar sua leitura. O projeto que alterou partes do conto *O Alienista* e do romance *A Pata da Gazela* recebeu a aprovação do Ministério da Cultura para captar recursos com a lei de incentivo para imprimir e distribuir, gratuitamente, 600 000 exemplares. Os livros apresentam substituição de palavras e expressões com registro simplificado, como, por exemplo, a troca de “prendas” por “qualidades” em *O Alienista*. “O público-alvo do projeto é constituído por não leitores, ou leitores novos, jovens e adultos, de todos os níveis de escolaridade e faixa de renda”, afirmou Patrícia. Autora de mais de 250 títulos, em sua maioria infantis, ela diz que encontra diariamente pessoas que não leem, mas que poderiam se interessar pelo universo de Machado e Alencar se tivessem acesso a uma obra facilitada.

KUSUMOTO, Meire. “De Machado de Assis a Shakespeare: quando a adaptação diminui obras clássicas”. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br>>. Acessado em: 12.05.2014. Adaptado.

Explique o significado da autonomia da obra de arte para o filósofo Marcuse. Considerando esse conceito de autonomia, explique o significado estético do projeto literário de facilitação de algumas obras de Machado de Assis e de José de Alencar.

2. Seja como termo, seja como conceito, a filosofia é considerada pela quase totalidade dos estudiosos como criação própria do gênio dos gregos. Sendo assim, a superioridade dos gregos em relação aos outros povos nesse ponto específico é de caráter não puramente quantitativo, mas qualitativo, porque o que eles criaram, instituindo a filosofia, constitui novidade que, em certo sentido, é absoluta. Com efeito, não é em qualquer cultura que a ciência é possível. Há ideias que tornam estruturalmente impossível o nascimento e o desenvolvimento de determinadas concepções – e, até mesmo, ideias que interdita toda a ciência em seu conjunto, pelo menos a ciência como hoje a conhecemos. Pois bem, em função de suas categorias racionais, foi a filosofia que possibilitou o nascimento da ciência, e, em certo sentido, a gerou. E reconhecer isso significa também reconhecer aos gregos o mérito de terem dado uma contribuição verdadeiramente excepcional à história da civilização.

Giovanni Reale e Dario Antiseri. *História da filosofia*, vol. 1, 1990. Adaptado.

Baseando-se no texto, explique por que a definição apresentada de “filosofia” pode ser considerada eurocêntrica. Explique também que tipo de ideias apresentaria a característica de impedir o desenvolvimento do conhecimento científico.

3. TEXTO I

A verdade é esta: a cidade onde os que devem mandar são os menos apressados pela busca do poder é a mais bem governada e menos sujeita a revoltas, e aquela onde os chefes revelam disposições contrárias está ela mesma numa situação contrária. Certamente, no Estado bem governado só

mandarão os que são verdadeiramente ricos, não de ouro, mas dessa riqueza de que o homem tem necessidade para ser feliz: uma vida virtuosa e sábia.

Platão. *A República*, 2000. Adaptado.

TEXTO II

Um príncipe prudente não pode e nem deve manter a palavra dada quando isso lhe é nocivo e quando aquilo que a determinou não mais exista. Fossem os homens todos bons, esse preceito seria mau. Mas, uma vez que são pérfidos e que não a manteriam a teu respeito, também não te vejas obrigado a cumpri-la para com eles. Nunca, aos príncipes, faltaram motivos para dissimular quebra da fé jurada.

Maquiavel. *O Príncipe*, 2000. Adaptado.

Comente as diferenças entre os dois textos no que se refere à necessidade de virtudes pessoais para o governante de um Estado.

4. Do lado oposto da caverna, Platão situa uma fogueira – fonte da luz de onde se projetam as sombras – e alguns homens que carregam objetos por cima de um muro, como num teatro de fantoches, e são desses objetos as sombras que se projetam no fundo da caverna e as vozes desses homens que os prisioneiros atribuem às sombras. Temos um efeito como num cinema em que olhamos para a tela e não prestamos atenção ao projetor nem às caixas de som, mas percebemos o som como proveniente das figuras na tela.

Daniilo Marcondes. *Iniciação à história da filosofia*, 2001.

Explique o significado filosófico da Alegoria da Caverna de Platão, comentando sua importância para a distinção entre aparência e essência.

5. TEXTO I

Para santo Tomás de Aquino, o poder político, por ser uma instituição divina, além dos fins temporais que justificam a ação política, visa outros fins superiores, de natureza espiritual. O Estado deve dar condições para a realização eterna e sobrenatural do homem. Ao discutir a relação Estado-Igreja, admite a supremacia desta sobre aquele. Considera a Monarquia a melhor forma de governo, por ser o governo de um só, escolhido pela sua virtude, desde que seja bloqueado o caminho da tirania.

TEXTO II

Maquiavel rejeita a política normativa dos gregos, a qual, ao explicar “como o homem deve agir”, cria sistemas utópicos. A nova política, ao contrário, deve procurar a verdade efetiva, ou seja, “como o homem age de fato”. O método de Maquiavel estipula a observação dos fatos, o que denota uma tendência comum aos pensadores do Renascimento, preocupados em superar, através da experiência, os esquemas meramente dedutivos da Idade Média. Seus estudos levam à constatação de que os homens sempre agiram pelas formas da corrupção e da violência.

Maria Lúcia Aranha e Maria Helena Martins. *Filosofando*, 1986. Adaptado.

Explique as diferentes concepções de política expressadas nos dois textos.

6. Preguiça e covardia são as causas que explicam por que uma grande parte dos seres humanos, mesmo muito após a natureza tê-los declarado livres da orientação alheia, ainda permanecem, com gosto, e por toda a vida, na condição de menoridade. É tão confortável ser menor! Tenho à disposição um livro que entende por mim, um pastor que tem consciência por mim, um médico que prescreve uma dieta etc.: então não preciso me esforçar. A maioria da humanidade vê como muito perigoso, além de bastante difícil, o passo a ser dado rumo à maioridade, uma vez que tutores já tomaram para si de bom grado a sua supervisão. Após terem previamente embrutecido e cuidadosamente protegido seu gado, para que estas pacatas criaturas não ousem dar qualquer passo fora dos trilhos nos quais devem andar, os tutores lhes mostram o perigo que as ameaça caso queiram andar por conta própria. Tal perigo, porém, não é assim tão grande, pois, após algumas quedas, aprenderiam finalmente a andar; basta, entretanto, o perigo de um tombo para intimidá-las e aterrorizá-las por completo para que não façam novas tentativas.

Immanuel Kant, *apud* Daniilo Marcondes. *Textos básicos de ética – de Platão a Foucault*, 2009. Adaptado.

O texto refere-se à resposta dada pelo filósofo Kant à pergunta sobre “O que é o Iluminismo?”. Explique o significado da oposição por ele estabelecida entre “menoridade” e “autonomia intelectual”.

7. De certo modo, a primeira fonte de ruptura com o antropocentrismo se encontra na teoria heliocêntrica de Nicolau Copérnico, a assim chamada revolução copernicana. A segunda grande ruptura é provocada pelo que se poderia chamar, em analogia com a primeira, de revolução darwiniana, resultado da obra de Charles Darwin, *A origem das espécies pela seleção natural*, onde este formula sua famosa teoria da evolução das espécies.

Daniilo Marcondes. *Iniciação à história da filosofia*, 2001. Adaptado.

A partir do texto, explique o significado do termo “antropocentrismo” e descreva por que as obras de Copérnico e de Darwin são apresentadas como momentos de ruptura com essa centralidade.

GABARITO

Exercícios

1. A teoria estética de Herbert Marcuse baseia-se nos princípios marxistas, realizando, contudo, uma crítica à visão ortodoxa desta teoria. Segundo a teoria estética marxista a obra de arte é um todo que representa a visão de mundo de determinadas classes sociais. Desta forma, a obra de arte possui a função política de criar uma consciência, porém esta criação é direcionada, intencional segundo os marxistas ortodoxos. Para Marcuse, a obra de arte possui uma função política em si mesmo, ou seja, ela é uma representação de uma visão de mundo que visa comunicar, abrir possibilidades, não necessariamente direcionar a visão daqueles que apreciar a obra. Assim, a obra de arte é autônoma por si e não necessita de direcionamento. Ela rompe com a consciência dominante por meio da experiência individual. Esta experiência é libertadora na medida em que leva o apreciador a sentir e refletir seu significado, comparando o que lhe foi proporcionado com sua própria experiência de mundo.
Com relação ao projeto de facilitação de acesso a obras consagradas, de Machado de Assis e José de Alencar, a estética Marcuseana se posiciona contra, pois isto serve como forma de direcionamento do sentido político da obra de arte. A facilitação ao acesso não produziria uma experiência individual e libertária para o apreciador, mas sim uma doutrinação ao modificar a concepção original da obra, impedindo que ela, por si própria, desempenhasse sua função estética. Em outras palavras, a adaptação da obra literária, através da justificativa de facilitação de acesso, serviria como instrumental de controle e que pode ser utilizado em favor de interesses de classes dominantes.
2. A filosofia enquanto forma de conhecimento é considerada pela quase totalidade de estudiosos como de origem grega devido às condições específicas ocorridas na antiguidade que permitiram seu surgimento. Fatores como: navegações, invenção da moeda, da escrita, das leis e principalmente da **“pólis” (cidade), somados a insatisfação intelectual** em relação à forma de como compreendiam o mundo, possibilitaram o estabelecimento de um modo mais coerente de pensar a realidade. Com o passar do tempo, esta forma de saber, desenvolveu-se autonomamente, se expandindo por todos os povos que tiveram contato com a cultura grega. A filosofia pode ser considerada eurocêntrica, pois o continente Europeu foi o lugar que herdou dos gregos esta forma de saber. Foi principalmente na Europa onde ocorreu o desenvolvimento, expansão e divulgação da reflexão filosófica e forma sistematizada. A Filosofia tem como características: o caráter reflexivo, a argumentação racional, a investigação radical, a sistematização do saber e a análise de conjunto.
O desenvolvimento da filosofia possibilitou por sua vez o desenvolvimento do conhecimento científico. Desta forma, as ideologias, as doutrinas dogmáticas, mitologias não refletidas e senso comum vão contra as características do saber filosófico e científico e se constituem como impeditivos para o desenvolvimento do conhecimento científico.
3. **No texto 1 Platão desenvolve a tese de que cidade seria melhor administrada pelo “Filósofo Rei”, nesta teoria desenvolvida no livro “A República” o filósofo é o melhor administrador por ser aquele que possui conhecimento da “verdade” que se identifica com o Bom, o Bem e o Belo que residem no Mundo das Ideias.** Ele (Filósofo Rei) seria o único capaz de guiar os habitantes da cidade na busca do melhor desenvolvimento de cada um segundo suas aptidões naturais, ou seja, o bem que reside dentro de cada indivíduo pode ser alcançado e permitir uma vida feliz a todos. A virtude do governante centra-se na busca da concretização do bem a todos os habitantes da cidade. Não sendo o filósofo guiado por interesses particulares, ele se torna o administrador ideal para a cidade. Já no texto 2, Nicolau Maquiavel, **em seu livro “O Príncipe”, desenvolve uma tese que rompe com lógica estabelecida entre ética e poder.** Seu pressuposto de que os homens são maus, faz com que o príncipe deve buscar manter o poder mediante estratégias que não possuem ligação com o comportamento virtuoso. Elementos como *virtú* (entendida como impetuosidade, coragem) e fortuna (entendida como ventura, oportunidade), somado a um conhecimento da moralidade dos homens, são recursos que permitem ao governante agir de modo calculado, não objetivando o desenvolvimento de uma bondade natural nos homens como acredita Platão, mas tendo como foco a condução dos homens rumo a uma melhor condição de vida que não siga necessariamente o caminho da virtude enquanto retidão moral.

4. A Alegoria da Caverna quer dizer, utilizando uma imagem fictícia, como era a realidade da cidade de Atenas ou de todas as cidades. Tal realidade é que os homens vivem suas vidas encantados com imagens, ou seja, eles vivem suas vidas encantados com aquilo que mantém apenas a aparência da realidade. Não apenas o homem está nessa situação de enfeitado, porém ele também está preso impedido de chacoalhar para fora dessa situação. O filósofo é quem consegue se livrar do feitiço e depois quebrar os grilhões que o impedem de sair desse estado. É fundamental, segundo a alegoria, realizar esse movimento para fora da caverna para conceber que a aparência explicitada pelas imagens não revela muito sobre a verdade descoberta sob a luz existente fora da caverna. A aparência é apenas um simulacro produzido na caverna, a essência é uma descoberta feita livre do confinamento neste antro que os **homens vivem, chamado “cidade”**.
5. A primeira concepção é por princípio uma concepção política teológica. O poder político é instituído por Deus e a finalidade da ação política é a salvação. O Estado, por conseguinte, deve se conformar de tal maneira que permita, ou melhor, condicione o homem a viver em função do fim maior, em função da eternidade representada na salvação. São Tomás é evidentemente um católico, considerando a primazia de sua religião sobre quaisquer necessidades mundanas, organizando o poder político e a ação do cidadão de tal maneira que reflita apropriadamente os dogmas da Igreja.
A segunda concepção é por princípio uma concepção política moderna, ou pré-moderna. A primeira superação perpetrada por Maquiavel é a superação do discurso antigo a respeito da necessidade do homem manter um hábito guiado pelas virtudes cardiais: sabedoria, coragem, temperança e magnanimidade. Não que o homem não deva possuir tais características, todavia elas não devem de modo algum impedi-lo de realizar uma ação cruel se assim se demonstrar útil para que ele efetive o seu poder. A segunda superação perpetrada por Maquiavel é a superação do discurso escolástico que predisponha o começo, meio e fim das coisas a partir da certeza da palavra revelada. O mundo da experiência é guiado pela fortuna e não se faz sentido impedir que certas ações se realizem, pois circunstancialmente elas podem ser as melhores.
6. A oposição entre menoridade e maioridade (ou autonomia) é o recurso alegórico utilizado para falar sobre o estado do homem e o movimento Iluminista que buscava retirar o homem deste estado. O homem, diz Kant, está acomodado. Preguiçoso e covarde, o homem continua, mesmo depois de adquirir plenas capacidades de ser autônomo (de se dar a própria lei), servo da consciência de outros, das prescrições de terceiros. Além da sua própria preguiça e covardia, o ato mesmo de se tornar maior é visto como perigoso, o que faria a libertação da tutoria uma escolha ainda menos provável. Enfim, passar da menoridade para a maioridade é um ato de libertação do homem das relações de tutela que direcionam opressivamente o seu comportamento.
7. Antropocentrismo é a concepção na qual o mundo existe em função do homem. É uma concepção que se vinculou muito ao cristianismo e a ideia de que a criação divina se fez para o homem e o próprio é especialmente divino por ter sido feito à imagem e semelhança do Criador. Evidentemente, quando Copérnico revoluciona a teoria sobre o movimento dos corpos celestes, fazendo o espectador se mover e o astro se manter em repouso, o antropocentrismo sofre um ataque contundente, afinal a Terra criada para o homem não seria o centro de tudo, mas apenas um planeta como qualquer outro. Do mesmo modo, Darwin ao teorizar sobre a evolução das espécies faz algo similar e retira a qualidade divina do homem ao afirmá-lo como uma derivação do macaco. Também, Darwin retira do mundo qualquer finalidade especial e diz que a origem das espécies não aponta para nada além da sua mera sobrevivência, isto é, podemos imaginar disto que Darwin afirma sobre as espécies que não há finalidade especial para o planeta Terra e seus seres vivos e eles vagam pelo universo sem qualquer finalidade específica.